

O BRASIL DE PORTINARI

EXPOSIÇÃO DE RÉPLICAS

929
B83
[1997?] / Ex.01
F000246

COMPLEXO EDUCACIONAL HENRIQUE CASTRICIANO
BIBLIOTECA

Daqui fiquei vendo melhor a minha terra (...). Vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor...

CANDIDO PORTINARI, Paris, 12 de julho de 1930

Essa foi a decisão do artista, aos 25 anos de idade. Desde então, e até o fim de sua vida, dedicou-se a cumpri-la. Pintou crianças brincando as brincadeiras daqui, trabalhadores do café e da cana, retirantes, caboclos, expressões de religiosidade, fatos históricos. Foi reconhecido como gênio em uma geração repleta de gênios — Villa-Lobos, Mário de Andrade, Carlos Drummond —, que mudou a maneira do Brasil se expressar.

As mais de 4.600 obras deixadas pelo artista formam um acervo único sobre o Brasil, disperso em coleções em mais de vinte países. Há mais de vinte anos, localizá-las, autenticá-las e registrá-las é a principal atividade do Projeto Portinari.

A Petrobras se associou ao trabalho. Pioneirismo, criatividade, qualidade e, principalmente, brasilidade ligam a empresa ao nosso mais importante pintor. Da parceria entre Empresa e Projeto nasceu em 1997 a exposição "O Brasil de Portinari". Mais de 300 mil pessoas, entre elas grande número de estudantes, puderam ver réplicas digitais de cinqüenta obras selecionadas, expostas ao longo de 1997 e 1998 nas cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Maringá, Florianópolis, Porto Alegre, Brasília, Belo Horizonte, Salvador, Belém, Manaus, Fortaleza, Recife, Corumbá, Goiânia, Campos, Macaé e Campo Grande. Educadores e professores de arte, especialmente aqueles ligados às redes municipais e estaduais de ensino, receberam a orientação necessária para trabalhar nas salas de aula aquilo que os alunos viram e aprenderam ao visitar as mostras.

O êxito da iniciativa garantiu a continuidade da parceria em 1999. As réplicas estarão disponíveis à visitação em dezoito cidades: São Luís, Natal, Cabo Frio, Rio de Janeiro, João Pessoa, Aracaju, Maceió, Vitória, Teresina, Cuiabá, Macapá, Boavista, Rio Branco, Porto Velho, Palmas, Petrópolis, Juiz de Fora e São Gonçalo.

Milhares de brasileiros poderão ver Portinari. E, através de Portinari, ver e compreender o Brasil.

Patrocínio

BR PETROBRAS

Realização

PROJETO PORTINARI

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA



Em Brodósqui, pais, avó, irmãos e tios de
Candido Portinari (o primeiro de pé, à direira), 1908

Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra.

Não tenho nenhuma lembrança dali. Mudaram-se da fazenda Santa Rosa para a estação de Brodósqui — onde não havia ainda povoado; eu devia ter dois anos de idade.

No novo local viviam com meus pais minha avó paterna, um tio e uma tia, ambos irmãos de meu pai. Lembro-me vagamente da casa e do armazém; havia um quarto cheio de melancias e de caixas de vinho do Porto. Estas caixas vinham sempre com surpresas. Grande foi minha alegria quando numa veio um pequeno canivete com o cabo de madrepérola. Morávamos atrás da igreja de Santo Antônio, que era a Matriz. Havia muita festa com banda de música.

(Os textos das páginas 2 a 9 são de CANDIDO PORTINARI, "Retalhos de minha vida de infância", Paris, setembro de 1958)

COMPLEXO EDUCACIONAL HENRIQUE CASTRICIANO
BIBLIOTECA

Tenho como lembrança da escola do Danito uma fotografia onde aparece ele empunhando um livro e sentado. Mas em sua volta — há a seus pés um cachorro peludo que não me recordo o nome. Na foto estou com cara de zangado. Em seguida, reuniram as quatro escolas e formaram o Grupo Escolar que foi dirigido pelo Professor Romano Barreto — homem bom que, com o correr do tempo, passou a ser célebre entre os educadores brasileiros. Andava sempre de fraque verde, alto, magro, usava óculos. Na aula, o professor mandava que desenhasse não importava o quê e fizesse a descrição. Desenhei um leão e o desenho foi comentado pelos professores e pelos alunos. Não me deixaram mais em paz, tive que desenhar a capa das provas a serem expostas no fim do ano.



Portinari é o primeiro de pé, à direita



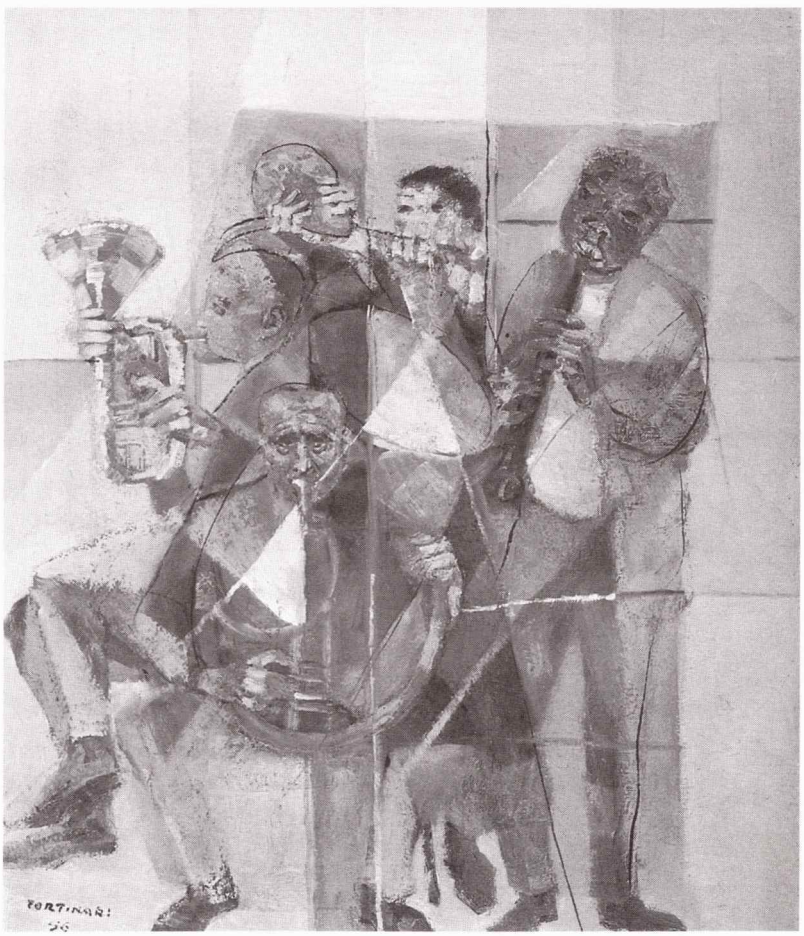
Crianças Brincando, 1940

Nossos brinquedos eram variados, conforme o mês, e também havia os para o dia e os para a noite. Para o dia eram: gude, pião, arco, avião, papagaio, diabolô, bilboquê, ioiô, botão, balão, malha e futebol. Para a noite: pique, barra-manteiga, pulando carniça, etc. Tinha o cabelo branco e apelidavam-me de vovô. Gostava muito de ir na garupa de cavaleiros. Gostava de deitar-me na grama e olhar as estrelas, era um grande prazer. Havia também as histórias de Dona Iria, senhora portuguesa, mãe de muitos filhos e muito boa pessoa; à noite, sentados no chão ao seu redor, ficávamos atentos, ouvindo as histórias: Roberto do Diabo, Roldão, Carlos Magno, reis, príncipes e princesas. Que lindas eram as suas histórias e que bom era esse tempo.

Começávamos a abrir os olhos para a vida e uma vida povoada de sonhos, cansaços, grandes medos. Durante o dia, contavam-se histórias de lobisomem, mula-sem-cabeça, saci-pererê e almas do outro mundo. À noite, quando estávamos deitados, qualquer barulho nos apavorava.

COMPLEXO EDUCACIONAL HENRIQUE CASTRICIANO
BIBLIOTECA

A banda de música foi contratada para tocar em Criciúma, numa festa. Era grande a alegria dos músicos quando eram chamados para fora. Essa festa era famosa. Meu pai era responsável pela banda. Fui também. Da estação à fazenda, a distância era de algumas léguas. Mandaram condução. Ao chegar já havia animação: fogueiras, balões, grande comilança e baile a noite toda; a banda tocou até certa hora, depois foi a sanfona. Os músicos precisavam descansar porque no dia seguinte é que era a grande festa, começariam com a alvorada. O sino da igreja repicou. Era o começo. Houve missa, casamentos, batizados. Bebidas, comidas e doces havia por toda a parte. Às seis da tarde, houve reza e em seguida baile até de madrugada. Festa terminada, músicos a pé. Fui sonolento escanchado nas costas de um homenzarrão.



Banda de Música, 1956

Impressionavam-me os pés dos trabalhadores das fazendas de café. Pés disformes. Pés que podem contar uma história. Confundiam-se com as pedras e os espinhos. Pés semelhantes aos mapas: com montes e vales, vincos como rios. Quantas vezes, nas festas e bailes, no terreiro, que era oitenta centímetros mais alto do que o chão, os pés ficavam expostos e era divertimento de muitos apagar a brasa do cigarro nas brechas dos calcanhares sem que a pessoa sentisse. Pés sofridos com muitos e muitos quilômetros de marcha. Pés que só os santos têm. Sobre a terra, difícil era distingui-los. Os pés e a terra tinham a mesma moldagem variada. Raros tinham dez dedos, pelo menos dez unhas. Pés que inspiravam piedade e respeito. Agarrados ao solo, eram como os alicerces, muitas vezes suportavam apenas um corpo franzino e doente. Pés cheios de nós que expressavam alguma coisa de força, terríveis e pacientes.



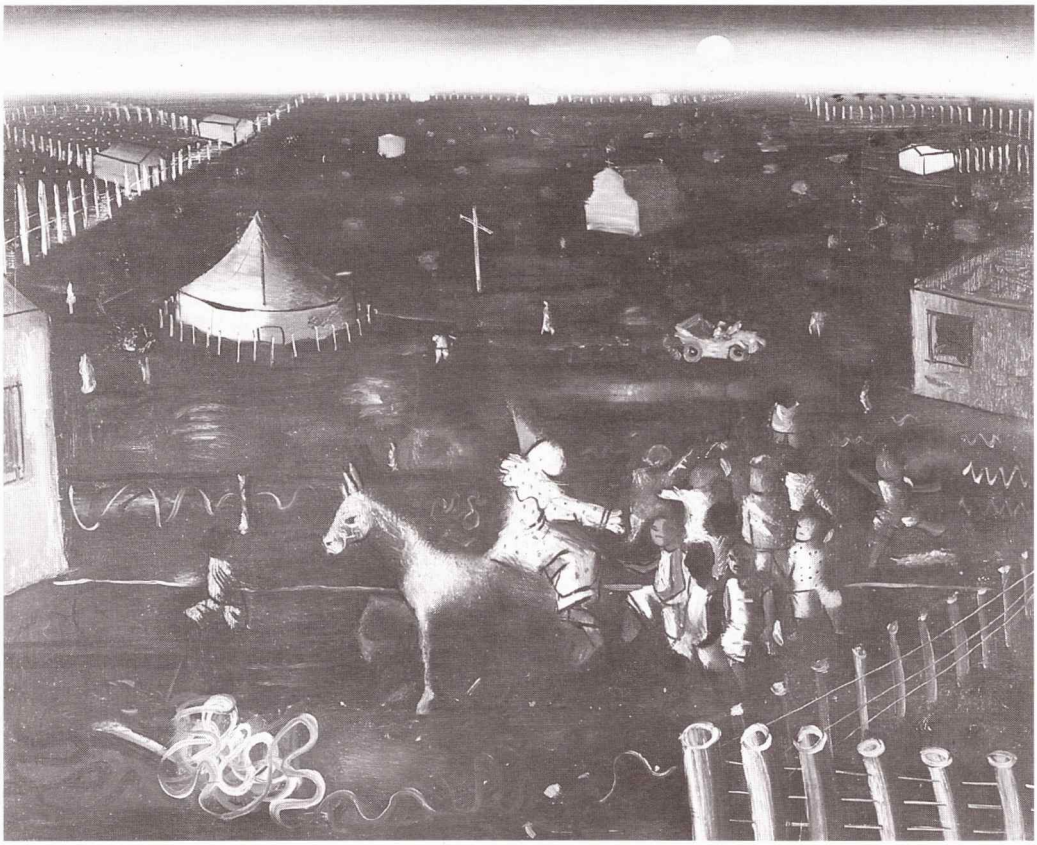
Café, 1935



Casamento na Roça. 1940

Gostava de olhar as plantações bem tratadas e limpas. Havia ondulações do terreno e de longe parecia mapa. Às vezes o espantalho estava presente e quando era requintado, a cabeça era de cabaça, furavam o lugar dos olhos, nariz, boca; colocavam vela e à noite acendiam.

Gostava também de espiar os casamentos. Muitos, depois de terminada a cerimônia, voltavam para as fazendas de trole e parentes e amigos também de trole ou a cavalo. Dali até chegarem, soltavam foguetes; lá chegando, o povaréu da redondeza já estava festejando, muita comida, muita bebida e baile puxado a sanfona: ia até de manhã.



O Circo, 1940

Por esse tempo vinha circo de cavalinho com o palhaço Tôni, equilibristas e acrobatas e os "araras". Aqui também nos sonhos nos transportávamos para outras regiões. Todos nós apaixonados pela trapezista. O palhaço fazia o reclame montado ao contrário em um animal velho e moroso, pintado e vestido como nas funções; percorria o povoado com a criançada acompanhando e respondendo ao anúncio que fazia: "O palhaço o que é?" Resposta: "Ladrão de muié." "Olha o negro no portão." Resposta: "Tem cara de tição" e por aí afora. Fazia um giro em todo o povoado e na volta fazia uma cruz na testa dos meninos. Essa marca lhes dava o direito de entrada. Os menores assim que eram marcados saíam na carreira — os mais velhos, de maldade, procuravam apagar a cruz.

Quando se apresentou ocasião de ir ao Rio, passei noites e noites em vigília, lutando com a indecisão — pena em deixar meus pais e meus irmãos.

Quanto mais próxima a partida, mais aflito ficava. Olhava o chão, as plantas, os animais, as aves e aquela luz... Parecia que nunca mais iria ver tudo aquilo que era parte de mim mesmo. Quantas lágrimas derramei às escondidas. Vi e revi mil vezes todos os recantos. Saudade incontida do que ficava. Até os forasteiros que passavam, eu os sentia como irmãos. Dava-me pena deixá-los. (...)

No dia do embarque, época da gripe espanhola, lá todo mundo estava de cama e em casa só eu estava bem.

No alvorecer desse dia, bateram na janela, avisando que estava quase na hora. Disse que estava com gripe, não iria. Minha irmã Tata interveio dizendo: — "Vai bobo... aqui não há possibilidade". Num impulso saí correndo, tive tempo ainda de apanhar o trem em movimento.

A última imagem que me ficou gravada na memória foi a de meu pai; levantara-se para se despedir, ainda posso vê-lo: de capote escuro, atravessando o largo da estação. Não teve tempo de me dizer nada...



Candido Portinari (o segundo à direita) com seus pais e irmãos, *c.* 1924



Candido Portinari em Paris, 1929

Em 1928, com 25 anos de idade, Portinari vai estudar na Europa, após ter recebido o Prêmio de Viagem no Salão de Belas Artes, no Rio de Janeiro. De Paris, escreve a uma sua colega na Escola Nacional de Belas Artes a "carta do Palaninho", verdadeira declaração de intenções na qual surge com toda a sua força o Brasil que toca Portinari e que ele pretende retratar no seu regresso:

... Palaninho é da minha terra, de Brodósqui.
... Vim conhecer aqui o Palaninho, depois de ter visto tantos museus, tantos castelos e tanta gente civilizada... Aí no Brasil eu nunca pensei no Palaninho...
... Daqui fiquei vendo melhor a minha terra — fiquei vendo Brodósqui como ela é. Aqui não tenho vontade de fazer nada... Vou pintar aquela gente com aquela roupa e com aquela cor...

CANDIDO PORTINARI, Paris, 12 de julho de 1930

BIBLIOTECA

Candido Portinari nos engrandeceu com sua obra de pintor. Foi um dos homens mais importantes do nosso tempo, pois de suas mãos nasceram a cor e a poesia, o drama e a esperança de nossa gente. Com seus pincéis, ele tocou fundo em nossa realidade. A terra e o povo brasileiros — camponeses, retirantes, crianças, santos e artistas de circo, os animais e a paisagem — são a matéria com que trabalhou e construiu sua obra imorredoura...

JORGE AMADO



Morro, (1933)

A obra de Portinari atinge a beleza de um cântico auroral sobre as misérias do mundo e particularmente de seu país: é testemunho e resgate.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Retirantes, 1944

OBRAS DAS EXPOSIÇÕES

HISTÓRICO

Descobrimento
1941
Pintura mural a têmpera
316 x 316 cm
Coleção Biblioteca do Congresso, Washington D.C., EUA

Desbravamento da Mata
1941
Pintura mural a têmpera
316 x 431 cm
Coleção Biblioteca do Congresso, Washington D.C., EUA

Catequese
1941
Pintura mural a têmpera
494 x 463 cm
Coleção Biblioteca do Congresso, Washington D.C., EUA

A Primeira Missa no Brasil
1948
Painel a têmpera/tela
266 x 598 cm
Coleção Banco Boavista, Rio de Janeiro, RJ

Tiradentes
1948-49
Painel a têmpera/tela
309 x 1.767 cm
Coleção Memorial da América Latina, São Paulo, SP

CULTURA BRASILEIRA

Ronda Infantil
(1932)
Pintura a óleo/tela
39 x 47 cm
Coleção Glória Callia, São Paulo, SP

Morro
(1933)
Pintura a óleo/tela
114 x 146 cm
Coleção Museu de Arte Moderna de Nova York, EUA

Futebol
1935
Pintura a óleo/tela
97 x 130 cm
Coleção Gilda Saavedra, Rio de Janeiro, RJ

Festa de São João
1936-39
Pintura a óleo/tela
172 x 193 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ

Crianças Brincando
1940
Pintura a óleo/tela
80 x 100 cm
Coleção Josélia Peixoto Pacheco de Medeiros, Cataguases, MG

Casamento na Roça
1940
Pintura a óleo/tela
60 x 73 cm
Coleção Luiz Affonso de Alvares Otero, Rio de Janeiro, RJ

Espantalhos
1940
Pintura a óleo/tela
81 x 100 cm
Coleção Gilberto Chateaubriand, Rio de Janeiro, RJ

O Circo
1940
Pintura a óleo/tela
81,5 x 100 cm
Coleção Aluísio Rebelo de Araújo, São Paulo, SP

Menino com Carneiro
1941
Pintura a têmpera/tela
184 x 180 cm
Coleção Luiz Affonso de Alvares Otero, Rio de Janeiro, RJ

Banda de Música
1956
Pintura a óleo/tela
54 x 45 cm
Coleção João Stefan, São Paulo, SP

SOCIAL

O Lavrador de Café
1934
Pintura a óleo/tela
100 x 81 cm
Coleção Museu de Arte de São Paulo / MASP, São Paulo, SP

Café
1935
Pintura a óleo/tela
130 x 195 cm
Coleção Museu Nacional de Belas Artes / MNBA, Rio de Janeiro, RJ

Fumo
1936-45
Pintura mural a afresco
280 x 294 cm
Coleção Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ

Pau-Brasil
1936-45
Pintura mural a afresco
280 x 250 cm
Coleção Palácio Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, RJ

Retirantes
1944
Painel a óleo/tela
190 x 180 cm
Coleção Museu de Arte de São Paulo / MASP, São Paulo, SP

Lavadeiras
1944
Pintura a óleo/tela
170 x 200 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ

Retirante Morrendo
1958
Pintura a óleo/madeira
160 x 110 cm
Coleção particular, Rio de Janeiro, RJ

Quatro Vaqueiros
1958
Pintura a óleo/madeira
110 x 160 cm
Coleção Armen Gasparian, Rio de Janeiro, RJ

Colhendo Milho
1959
Pintura a óleo/tela
65 x 81 cm
Coleção José Bonifácio Coutinho Nogueira, São Paulo, SP

Arrastão
1959
Pintura a óleo/tela
38 x 46 cm
Coleção Washington Chamma, Rio de Janeiro, RJ

RELIGIOSO

Último Baluarte
(1942)
Painel a têmpera/tela
200 x 300 cm
Coleção Museu de Arte de São Paulo / MASP, São Paulo, SP

Santo Antônio
(1942)
Pintura a óleo/tela
200 x 78 cm
Coleção Igreja de Santo Antônio, Brodósqui, SP

Fuga para o Egito
1955
Pintura a óleo/tela
61 x 50 cm
Coleção Milton Velloso Borges, João Pessoa, PB

TIPOS HUMANOS

Mestiço
1934
Pintura a óleo/tela
81 x 65,5 cm
Coleção Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, SP

Preto
1934
Pintura a óleo/tela
70 x 50 cm
Coleção Família Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, RJ

Cabeça de Índio
(1937)
Pintura têmpera/reboco
61,2 x 54,8 cm
Coleção Instituto de Estudos Brasileiros / IEB-USP, São Paulo, SP

Mulher do Pilão
1945
Pintura a óleo/tela
100 x 81 cm
Coleção Família Mem Sardinha Xavier da Silveira, Rio de Janeiro, RJ

Cangaceiro
1951
Pintura a óleo/tela
54 x 45 cm
Coleção particular, São Paulo, SP

RETRATOS

Auto-retrato
(1957)
Pintura a óleo/madeira
55 x 46 cm
Coleção Denise Berruezo Portinari, Rio de Janeiro, RJ

Retrato de Maria
1932
Pintura a óleo/tela
101 x 82 cm
Coleção Museu Nacional de Belas Artes / MNBA, Rio de Janeiro, RJ

João Candido com Cavalo
1941
Pintura a óleo/tela
100 x 81 cm
Coleção particular, Fortaleza, CE

Denise a Cavalo
1960
Pintura a óleo/tela
98 x 80 cm
Coleção Iara Andrade, Rio de Janeiro, RJ

Retrato de Manuel Bandeira
1931
Pintura a óleo/tela
73 x 60 cm
Coleção João Condé, Rio de Janeiro, RJ

Retrato de Mário de Andrade
1935
Pintura a óleo/tela
73,5 x 60 cm
Coleção Instituto de Estudos Brasileiros / IEB-USP, São Paulo, SP

Retrato de Carlos Drummond de Andrade
1936
Pintura a óleo/tela
72 x 58 cm
Coleção Família Carlos Drummond de Andrade, Rio de Janeiro, RJ

PAISAGENS E ANIMAIS

Flora e Fauna Brasileiras
c. 1934
Painel a óleo/madeira
80 x 160 cm
Coleção Roberto Marinho, Rio de Janeiro, RJ

Rio Tietê
1935
Pintura a óleo/tela
54,5 x 65 cm
Coleção José Bonifácio Coutinho Nogueira, São Paulo, SP

Floresta I
1938
Painel a óleo/tela
159 x 139 cm
Coleção José Thomaz e Maria do Carmo Nabuco, Rio de Janeiro, RJ

Brodósqui
1942
Pintura a óleo/tela
46 x 55,5 cm
Coleção Roberto Marinho, Rio de Janeiro, RJ

Floresta Amazônica
1957
Painel a óleo/madeira
85 x 445 cm
Coleção Odilon Ribeiro Coutinho, Rio de Janeiro, RJ

PROJETO PORTINARI

O Projeto Portinari nasceu para levantar e pesquisar a obra de um dos maiores artistas brasileiros. Logo expandiu seu escopo, de modo a abranger o registro das preocupações estéticas, artísticas, culturais, sociais e políticas da generosa geração do artista.

Em dezenove anos de existência, o Projeto catalogou 4.600 pinturas, desenhos e gravuras de Candido Portinari e 30.000 documentos sobre sua época; registrou mais de sessenta depoimentos relevantes, totalizando cerca de 130 horas de gravação; colecionou 6.000 itens trocados entre o artista e seus contemporâneos.

Imenso acervo de fotografias históricas, filmes, recortes de periódicos, livros, catálogos, cartazes, monografias, textos diversos e *memorabilia* variada completam a documentação sobre mais de quatro décadas decisivas para a história e a cultura brasileiras.

O Projeto desenvolveu metodologia inovadora nas áreas de museologia, documentação e informática. Assim, em dezenove anos de atuação, o Projeto Portinari estabeleceu uma ponte entre profissionais e atividades da área de arte e cultura, de um lado, e de ciência e tecnologia, de outro.

Tendo nascido em 1979 graças a um convênio entre a Finep e a PUC-Rio, onde está sediado, o Projeto Portinari angariou largo espectro de apoios: CNPq, Ministério das Relações Exteriores, Funarte, Fundação Casa de Rui Barbosa, Unesco, Fundação Getúlio Vargas, IBM, Kodak, Varig, Fundação Roberto Marinho, Rede Globo, Correios, Fundação Banco do Brasil, Tintas Renner e Fundação Padre Leonel Franca, entre outras instituições. Hoje é apoiado pela Faperj e pela Petrobras.

Pioneiro na aplicação de novas tecnologias à área artística e cultural, o Projeto Portinari criou um site na Internet, em fase experimental, cujo acesso se dá pelo endereço http://www.portinari.org.br, e vem contribuindo significativamente com o Grupo de Trabalho de Museus Virtuais, do Comitê Gestor da Internet Brasileira, e com o Grupo de Trabalho de Ciência e Tecnologia para a Construção da Sociedade da Informação no Brasil, da Comissão Nacional de Ciência e Tecnologia.

Em 1997, em parceria com o Masp e a Petrobras, organizou e montou uma grande exposição retrospectiva intitulada "Portinari, drama e poesia", que ofereceu ao público uma nova visão sobre o trabalho do artista.

Projeto Portinari
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
Rio de Janeiro, RJ – CEP 22453–900
Tel: (021) 529-9364 ou 529-9457
Fax: (021) 259-9697
E-mail: pp@portinari.org.br

Exposição "O Brasil de Portinari"
Criação: Christina Penna
Curadoria e projeto educacional: Suely Avellar
Projeto gráfico: Regina Ferraz

F000246

Realização

PROJETO PORTINARI

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA